



< Anterior

[Crítica] Jurassic World (Colin Trevorrow, 2015)

Em 1993 assisti ao primeiro filme que teria um grande impacto na minha percepção do que significa ir ao Cinema. O apavorante Jurassic Park do então diretor Steven Spielberg me prendeu na cadeira, um filme de aventura digno das melhores produções dos anos 80. 22 anos depois eis que me sento novamente em uma sala de cinema para assistir Jurassic World, o "revival" da franquia, dirigido pelo desconhecido Colin Trevorrow e com produção executiva do próprio Spielberg.



Cena do Filme Jurassic World (Foto: divulgação)

Jurassic World usa a espinha dorsal de seus antecessores, em especial Jurassic Park, referências que acima da homenagem revelam uma grande falta de criatividade da produção e, principalmente dos roteiristas do filme. Trata-se sobretudo de apresentar a obra ao público mais jovem e tentar reacender o interesse dos que já conheciam a franquia sepultada com o fracasso de Jurassic Park III.

O início do filme é pavoroso com a tentativa de encaixar a main title da trilha-sonora e apresentar Jurassic World, a Disneyland dos dinossauros, a exemplo de outras atrações turísticas – Exit Through The Gift Shop! A única alteração além dos atores parece ter ficado por conta do elevado CGI que estraga o começo do filme. Não há textura suficiente que envolva o espectador na cena do nascimento dos dinossauros. Spielberg usou bonecos e robôs no filme de 1993, a mesma cena de duas décadas atrás tem mais impacto que a atual. Apesar do exagero, o recurso é melhor empregado posteriormente e de certa forma empolga nas cenas finais do filme.

Em Jurassic World os papéis são bem demarcados. A liderança é masculina, exercida pela figura do caçador e salvador do parque Owen (Chris Pratt). Claire (Bryce Dallas Howard), a inteligente mulher de negócios, desce do salto alto apenas quando o alerta passa de amarelo para vermelho. Há ainda os dois sobrinhos e o milionário dono do parque. Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com outra obra é mera coincidência. O rascunho é igual e Colin Trevorrow parece ter desenhado o mapa da Isla Nublar com papel vegetal. Copiou o que queria na tentativa de o resultado ficar próximo de Jurassic Park.

Tanto esforço tecnológico não deveria sobrepor a grande mensagem de Michael Crichton em Jurassic Park, a ganância humana não tem limites e o resultado um zoológico de Dinossauros é consumido pela destruição. Tal perda de controle é a base da tragédia entre o criador e criatura. O homem é parte da natureza e nunca estará acima dela. Owen passa o filme tentando domar os velociraptors, já Colin Trevorrow não conseguiu domar a ganância, fazer o seu próprio Jurassic Park.

Assista ao trailer de Jurassic World



Por Thiago Barbosa | 17 junho, 2015 | Cinema, Crítica | 0 Comments

Compartilhe Essa História, Escolha a Sua Plataforma!



Sobre o Autor: Thiago Barbosa



Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Educador especializado em História do Cinema pela PUC-SP. Estudou documentário na Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André. Especializado em Som para Audiovisual pela Academia Internacional de Cinema, Escola Inspiratorium e pelo Instituto B\_arco.

Artigos Relacionados



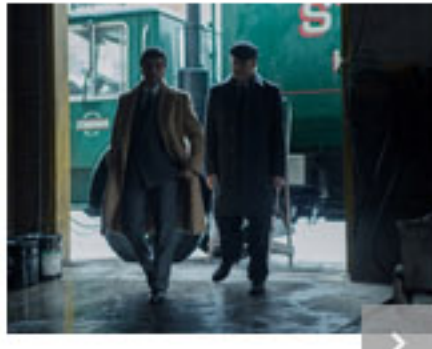
[Crítica] National Gallery (Frederick Wiseman, 2014) 19 maio, 2015 | 0 Comments



[Crítica] Mad Max Estrada da Fúria (George Miller, 2015) 16 maio, 2015 | 0 Comments



[Crítica] Que Estranho Chamar-se Federico (Ettore Scola, 2013) 15 maio, 2015 | 0 Comments



[Crítica] O Ano Mais Violento (J. C. Chandor, 2014) 7 abril, 2015 | 0 Comments

0 Comments Arrotos Culturais Login

Recommend Share Sort by Best

Start the discussion... Be the first to comment.

Subscribe Add Disqus to your site Privacy DISQUS

Assinar Blog por Email

Digite seu endereço de email para assinar este blog e receber notificações de novas publicações por email.

Endereço de email

Assinar

Facebook



Categorias

- Arrotos Indica, Arte, Artigos, Atualizações, Cannes, Cinema, Cotidiano, Crítica, Entrevista, Eventos, Festival, Festival do Rio, Literatura, Melhores do Ano, Mostra SP, Música, Oscar, Podcast, Teatro

Nuvem

Cloud tags: 37, 37\*, 2010, 2013, 2014, Abbas Kiarostami, Alain Resnais, Angelina Jolie, Arrotos Indica, Cannes, Cinema, Cinema Nacional, Copa do Mundo, crítica, documentário, festival, Festival de Paulínia, festival do rio, Filmes, Heitor Dhalia, Juliette Binoche, Lars Von Trier, Manoel de Oliveira, Marjane Satrapi, Martin Scorsese, Melhores do Ano, Michael Haneke, Mostra, Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Mostra SP, Nouvelle Vague, Oscar, Paulínia Film Festival, Pedro Almodóvar, Podcast, Rio, Roman Polanski, São Paulo, Tim Burton, Truffaut, Twitter, Virada Cultural, Wagner Moura, Werner Herzog, Woody Allen

PRINCIPAIS POSTS

[Crítica] Jurassic World (Colin Trevorrow, 2015)

[Crítica] Mad Max Estrada da Fúria (George Miller, 2015)

[Crítica] Melancolia (Lars Von Trier, 2011)

[Especial] O Sal da Terra (Wim Wenders, Juliano Salgado, 2014)

[Crítica] Azul é a Cor Mais Quente (Abdellatif Kechiche, 2013)

[Crítica] O Lobo de Wall Street (Martin Scorsese, 2013)

SIGA-ME NO TWITTER

Tweets

Seguir

Arrotos Culturais @arrotos [Crítica] Jurassic World (Colin Trevorrow, 2015) arrotos.com.br/critica-filme-... pic.twitter.com/LLrNDqAUcs



Arrotos Culturais @arrotos 12 jun #JurassicWorld a estréia da semana é lançado 22 anos depois de #JurassicPark contabilizando 2 décadas depois e 2x inferior.

Tweetar para @arrotos

COMENTÁRIOS RECENTES

arnaldoribeiroouisrael em [Crítica] A Árvore da Vida (Terrence Malick, 2011)

Melhores Filmes do Ano de 2014 - Arrotos Culturais em [Crítica] Boyhood (Richard Linklater, 2014)

Bruno Toribio em [Crítica] Blind (Eskil Vogt, 2014)

Robert Pattinson Worldwide em [Crítica] The Rover: A Caçada (David Michôd, 2014)

Picodédico em [Crítica] Pain & Gain (Michael Bay, 2013)